

Sagres, lugar mítico da memória

Maria Isabel JOÃO
(Universidade Aberta)

*Domina-se, da rocha, o vasto mar
que, pertinaz, se encapela
no torvo desespero de a galgar!
E ao topo dela
— diante
da amplidão infinita —
o Infante, grave, medita.¹*

Os versos são do poeta nacionalista Silva Tavares que, a convite da Comissão Executiva dos Centenários, os escreveu em 1940, para serem recitados nas cerimónias que decorreram em Sagres. A imagem é sugestiva e evoca a pintura de José Malhoa, de 1905, em que D. Henrique aparece sentado numa rocha em atitude de profunda meditação. O promontório agreste e o mar revoltado ao fundo são dominados pela figura negra, de gesto largo, recolhida nos seus pensamentos. O *Sonho do Infante* é o título desta obra do mestre Malhoa que o imagina retirado do bulício do mundo, na extrema solidão de um cabo onde a terra acaba e o mar começa.

Já em 1898 o escritor brasileiro Olavo Bilac tinha dedicado um poema ao Infante D. Henrique e aos descobrimentos portugueses, justamente intitulado *Sagres*. Nele, o Infante é evocado como um homem "casto", "forte", "duro" e "calmo", com a "alma de um sonhador", mas vivendo como um "vulcão", cujo fogo interior o nutre e o devora. Da sua mente prodigiosa, no ermo promontório, brota a visão do mundo que, do Ocidente ao Oriente, seria sulcado pelas naus portuguesas. A inspiração romântica do poema é bem evidente em tópicos como a noite, a bruma que foge, as visões que transformam o Infante, a meditar, num fantasma, por entre as rochas abruptas. Sagres é o berço de um sonho que permitiu abrir novos mundos ao mundo.

Os poetas captam melhor do que ninguém o essencial dos mitos, a que a pintura consegue, por vezes, dar uma expressão iconográfica feliz. A importância de Sagres no imaginário contemporâneo, nacional e estrangeiro, é indissociável da figura do homem que ficou para a história como principal impulsionador dos descobrimentos portugueses. Escritores antigos referiram-se àquela região que era considerada o extremo da terra habitada, o *Sacrum Promontorium* da época romana. Os limites não são muito claros, mas abrangiam uma área que engloba actualmente os cabos de Sagres e de São Vicente ou, até mais do que isso, "toda a espécie de península desde a linha de Silves-Aljezur para sudoeste"². Lugar propício aos encontros dos deuses, a vários cultos e crenças, São Vicente foi objecto de adoração numa ermida situada no cabo que tomou o seu nome. Mas, de facto, somente quando a aura gloriosa do Infante foi projectada em Sagres este lugar se tornou uma referência obrigatória da memória colectiva.

D. Henrique a quem foi atribuído o cognome de Navegador, apesar de ter navegado pouco ao longo da sua vida, também é identificado como o Infante de Sagres ou o Solitário de Sagres. As expressões resultam da polarização do Infante naquela zona do sudoeste algarvio, que a investigação mais aprofundada das fontes veio demonstrar ser incorrecta. Mas a imagem romântica do herói solitário, verdadeiro Hércules capaz de arcar com tão grandes trabalhos que, no dizer de Zurara,

"quebrantavam as altezas dos montes", casa bem com aquele lugar sobranceiro ao oceano, batido pelos ventos rijos da nortada. Três ordens de problemas têm estado na base de intermináveis debates e polémicas entre os historiadores:

- 1) Qual foi o fulcro do interesse do Infante D. Henrique por Sagres e o papel que o local teve como residência e ponto de escala nos seus itinerários pelo país;
- 2) a construção da Vila do Infante, cuja data de edificação, localização e características urbanísticas são altamente problemáticas, sugerindo alguns autores que se trataria, afinal, de duas vilas henriquinas, em vez de uma;
- 3) a famosa Escola de Sagres, ponto de reunião de sábios e de mestres em várias artes importantes para a navegação, que teria tido como local privilegiado de implantação o promontório onde o Infante sonhava com terras ignotas.

Vamos, em seguida, traçar um quadro breve da forma como a historiografia, desde as crónicas quatrocentistas à actualidade, e as grandes celebrações nacionais contribuíram para transformar Sagres num lugar mítico da memória. A lenda sobreleva os factos, mas isso não diminui o valor de Sagres como símbolo de uma gesta colectiva que levou os Portugueses a aventurar-se nos caminhos do mar.

No rasto da lenda

Na obra do cronista Gomes Eanes de Zurara se encontram os primeiros elementos para a associação entre o Infante e Sagres. Refere ele que na altura em que escreve a *Crónica de Guiné* se construía uma Vila ao cabo de São Vicente, a mando de D. Henrique, para trato de mercadores e ponto de apoio à navegação que vinha do Mediterrâneo para o Atlântico. Esclarece, aliás, que o propósito desta Vila era constituir um entreposto do género de Cádiz, onde os navios tivessem abrigo para todos os ventos e pudessem dispor de pilotos e mantimentos. Esta passagem levou o contra-almirante espanhol, Júlio Guillen, a especular que se trataria de criar um grémio idêntico ao Colegio de Pilotos Vizcainos que, segundo a tradição, teria existido em Cádiz e de que resta como prova documental uma Cédula Real de 1500³.

Sobre a residência e a escola, o cronista nada diz e quanto à Vila é muito vaga a sua localização. Porém, há outro aspecto importante na obra de Zurara que é o interesse de D. Henrique pela Universidade de Lisboa, à qual deixou casas e uma verba para que fosse ministrada a cadeira de Teologia. Nada refere sobre a sabedoria do Infante, se bem que haja uma subtil associação com Atlas, o gigante, que sustinha o céu com os seus ombros "pela grande sabedoria que em ele havia acerca dos movimentos dos corpos celestiais"⁴. É natural que o príncipe também gostasse de conhecer os movimentos dos astros e tivesse interesse pela Astrologia. A figura descrita por Zurara é a de um homem que "se deleitava muito no trabalho das armas" e profundamente religioso, com grande reverência por todas as coisas sagradas. Não é a de um sábio nem de alguém especialmente motivado pelas ciências.

Um manuscrito deixado inédito por Duarte Pacheco Pereira veio acrescentar um elemento importante para a lenda da escola. Menciona que o Infante mandou vir da ilha de Maiorca um mestre Jácome, especialista em cartas de marear, para ensinar o seu ofício aos Portugueses⁵. Não subsistem hoje dúvidas de que a cartografia portuguesa seguiu na esteira da tradição mediterrânica e, em particular, catalano-maiorquina para a elaboração das suas primeiras cartas⁶. Parece não ser de pôr de lado a vinda de um mestre nesta arte para Portugal a convite do Infante, uma vez que

João de Barros repete a informação. Não obstante, muitos problemas têm sido colocados em relação à identificação do referido Jácome ou Jaime de Maiorca, que já se pretendeu ser um filho do judeu Abraão Cresques, geralmente considerado o autor do Atlas Catalão de 1375. Mas mais importante do que a verdadeira identidade do mestre é o facto de ser neste episódio que se foi buscar o principal argumento para fundamentar a existência de uma escola. Pois, se havia ensino teria de existir um espaço apropriado para o efeito.

João de Barros, já distanciado da época em que viveu o Infante, reúne os testemunhos e acrescenta da sua pena alguns retoques significativos. Na senda de Zurara, refere a sua casa como um local de acolhimento e de boa criação de muitos fidalgos, de tal modo que se pode dizer que foi uma "escola de virtuosa nobreza"⁷. Não se trata de uma escola no sentido literal do termo, mas de um centro de cortesãos que o Infante liberalmente mantinha como qualquer grande senhor. Adiante menciona o referido mestre Jácome de Maiorca que descreve como um "homem muito douto na arte de navegar, que fazia cartas e instrumentos", que veio com o propósito expresso de ensinar o seu mister aos oficiais portugueses. Além das letras sagradas, apresenta o Infante como um estudioso das letras humanas, principalmente da ciência da Cosmografia.

Os contornos do sábio e o prenúncio da famosa escola começam a desenhar-se, mas o humanista Damião de Góis veio dar uma pincelada forte neste quadro⁸. A empresa das navegações não foi revelada ao Infante por inspiração divina, como queria a tradição. Ela foi um resultado do seu esforço e do trabalho de estudo, visto que lia continuamente os autores antigos. Acreditava no que escreviam aqueles homens, mas também não se coibia de duvidar, como se deve fazer com tudo o que deriva do juízo humano. Assim, mandou naus armadas à sua custa descobrir de novo rotas que já teriam sido trilhadas por povos da Antiguidade, cuja memória estava perdida entre os homens. Mas não se limitava aos textos, colhia também informações junto dos Mouros práticos nas coisas de África. O escopo do Infante estudioso, principalmente de Astrologia e Cosmografia, conhecedor dos livros antigos e atento às realidades práticas está completo. De forma consistente com o que refere sobre os estudos e o esquecimento de antigas navegações, é o primeiro autor a atribuir ao Infante o plano de atingir a Índia.

No que se refere ao barlavento algarvio, o cronista é muito explícito quando afirma que, após o regresso do cerco de Ceuta, escolheu para sua morada e residência uma parte do Algarve, no cabo de São Vicente, chamado pelos antigos *Sacrum Promontorium*, que em português vulgar quer dizer Cabo Sagrado, donde deriva a corruptela Sagres. Acrescenta ainda que, no sítio de Sagres, fundou uma vila a que pôs o nome de Terça Nabal, a que também chamam vila do Infante. Damião de Góis foi o principal responsável pela imagem renascentista do Infante D. Henrique, donde provém boa parte da lenda da sabedoria e do interesse pelas ciências. No seu texto se encontra ainda fundamento para polarizar o Infante em Sagres.

Deste modo, a herança dos cronistas referidos vai traduzir-se em diferentes visões do Infante D. Henrique nos autores contemporâneos: um homem ainda medieval, desejoso de bem servir a Deus e ao seu Rei, combatendo os infiéis, ou o homem moderno, movido pela curiosidade e a busca do conhecimento, com um espírito de investigação sistemática e capaz de se rodear dos indivíduos mais capazes para o ajudar a realizar o seu empreendimento. Acrescentar a sua fazenda e a sua importância como grande senhor do Reino estão presentes em ambos os casos. Porém, uma corrente hagiográfica, que remonta a Francisco José Freire, da congregação de São Filipe de Nery e o seu primeiro biógrafo, defendeu a ideia de uma figura de tal modo imaculada que não podia ser manchada pelo interesse pessoal e material. Mas os esquemas, demasiado redutores, não são capazes de surpreender a complexidade dos homens, para mais tratando-se de uma época

de transição. Por isso, alguns procuraram, na senda aberta por Oliveira Martins, amalgamar diferentes características para desenhar a personalidade rica e contraditória de um homem situado entre as idades medieval e moderna.

Os feitos de África foram suplantados pelos da Ásia e o interesse dos cronistas centrou-se noutras paragens. A figura do Infante tornava-se mais remota e, como refere o ditado, "quem conta um conto acrescenta um ponto". Os autores iam retocando ao sabor da sua imaginação e sensibilidade os relatos anteriores. Nos *Dialogos de Varia Historia*, de Pedro Mariz, editado pela primeira vez em 1594, à profunda erudição e diligência de D. Henrique tinha-se ficado a dever a demonstração de que havia antípodas e a zona tórrida era habitada, além do princípio do descobrimento do riquíssimo Oriente⁹. A vontade de conquistar a glória e honra de ser o primeiro descobridor e conquistador de gente idólatra é a principal razão para o Infante se lançar para além do mundo conhecido e enfrentar tantas dificuldades. Obteve junto dos Mouros de Ceuta informações confusas sobre as regiões mais ao Sul, o deserto do Sahara e a região da Guiné, mas soube interpretá-las à luz das especulações e considerações matemáticas, em que tinha trabalhado muito¹⁰. A Matemática aparece, deste modo, a juntar-se aos conhecimentos de Astrologia e Cosmografia. Salieta também a protecção que teria dado à Universidade e atribuiu-lhe a reforma dos respectivos estudos, o aumento das suas rendas e privilégios, bem como a ordem para que fossem elaborados os estatutos. Coloca o Infante a residir na sua Vila de Sagres, por ser um "lugar mais acomodado a suas proveitosas contemplaçoens, diligencias, e descubrimentos"¹¹. Contudo, não há ainda qualquer referência a uma escola naquele local.

Os autores seiscentistas portugueses pouco acrescentam aos relatos anteriores. Manuel de Faria e Sousa, numa obra publicada em 1628, em Madrid, resume a lenda do Infante em termos bem expressivos: "Valeroso Principe y sabio y santo y digno de su origen"¹². O Infante ter-se-ia dado muito ao estudo da Matemática e viveu em Sagres, onde terminou os seus dias.

Em 1660, D. Francisco Manuel de Melo, numa das *Epanáforas*, segue a tradição já estabelecida dos amplos estudos e conhecimentos do Infante e refere que fundara uma vila, na angra de Sagres, à qual teria dado o nome de Terça Nabal¹³. Associa a designação da vila ao vocábulo tercena que significa tanto um armazém ou depósito de mercadorias, perto de um cais, como um estaleiro de conserto de navios¹⁴. Esta expressão, também grafada como Terçanabal e Terça Naval nas obras posteriores, foi objecto de minuciosas pesquisas e reflexões eruditas no século XX. A maior parte dos autores defendeu que era anterior à época do Infante, provavelmente de origem árabe e de significado discutível¹⁵. De qualquer modo, a ideia da tercena manteve-se na memória e alguns autores falarão de um arsenal na zona de Sagres, integrado no complexo de apoio à navegação que o Infante teria mandado construir no local.

Segundo Duarte Leite foi na Inglaterra que surgiu, pela primeira vez, uma referência à escola de Sagres. Em 1625, no *Hakluytus Posthumus* de Samuel Purchas pode ler-se: "He also from Majorca caused one Master James, a man skilled in navigation and in cards and sea instruments, to be brought, to Portugal inthere at his charge, as it were, to erect a school of marinership and to instruct his countrezmen in that misterie"¹⁶. Inspirou-se em João de Barros para a vinda do mestre maiorquino, mas foi mais longe quando imaginou que se tratava de construir uma escola náutica para ensinar os marinheiros. A ideia parecia de tal modo lógica que, apesar de não ser comprovada pelos documentos conhecidos, nem antes nem depois da invenção de Purchas, passou a fazer parte da memória. A favor dela estão diversos factores que se foram entrelaçando com o tempo: a grande sabedoria que era atribuída ao Infante; o seu interesse em proteger os Estudos Gerais, em Lisboa; a vinda do mestre em cartas de marear e instrumentos

náuticos; finalmente, a ideia bastante enraizada de que os descobrimentos não se fizeram a acertar, mas iam os nossos marinheiros bem ensinados e providos de instrumentos e regras de astrologia e geometria, como refere Pedro Nunes¹⁷. Assim, todos os elementos se articulam para dar força à ideia da escola que, naturalmente, teria de se localizar no sítio onde o Infante construía a sua vila.

A lenda não deixou de ser embelezada com novos contributos. A escola cresceu de tamanho e de importância, bem como o número de sábios e de mestres reunidos pelo Infante em Sagres. Daí para as invenções extraordinárias imputadas ao labor daquela escola ou do próprio Infante foi um passo. Em 1712, o cosmógrafo-mor Manuel Pimentel atribui-lhe a invenção das cartas planas quadradas que, afinal, como demonstrou António Barbosa nunca existiram¹⁸. No século das Luzes já está bem firme e estabelecida a ideia dos profundos estudos patrocinados por D. Henrique, de tal modo que servem de exemplo no diploma pombalino que, em 1761, fundou o Colégio dos Nobres.

Mas é no início do século XIX, numa história dedicada aos matemáticos portugueses e estrangeiros domiciliados em Portugal ou nas suas conquistas, que António Ribeiro dos Santos compõe o quadro mais fantasioso¹⁹. O Duque de Viseu foi quem primeiro se dedicou às especulações matemáticas que até ali careciam de uma aplicação prática. A ligação desses estudos, que cultivou com um "ardor extraordinário", à Cosmografia e à Náutica foram determinantes para que concebesse o "grandioso projecto do descobrimento de novos mares e Costas de Africa, com que se abrisse caminho para a India". Para poder realizar os seus planos, deixou a Corte e foi fixar residência no lugar de Sagres. Ali erigiu um observatório astronómico, o primeiro de Portugal, e chamou a si muitos sábios, capitães animosos, pilotos experimentados e mestres de navegação, chegando de toda a Europa estrangeiros ilustres que lhe vinham oferecer os seus serviços. Com eles edificou, no seu Paço, uma escola de estudos e aplicações matemáticas, e um seminário de Geógrafos, de Astrónomos e de Náuticos; melhorou alguns dos instrumentos náuticos; inventou, ou pelo menos, aperfeiçoou o astrolábio e o "nocturlábio", além de ter aplicado mais eficazmente o uso da bússola às navegações oceânicas. A admiração de Ribeiro dos Santos pelo Infante leva-o a lamentar que Camões somente lhe tenha dedicado uma breve menção no seu poema e a terminar em verso a sua memória. Algumas estrofes estabelecem a ligação com Sagres, já plenamente transformado no centro das investigações, dos estudos e das navegações henriquinas. Assim, do "alto Liceu de Sagres" nasce a ciência náutica, dali raíam as luzes que irão guiar para novos mundos Colombo e o invicto Gama.

A lenda de Sagres prossegue o seu caminho glorioso na primeira metade do século XIX. A revista *Universo Pittoresco* publica, em 1844, uma biografia do Infante D. Henrique, onde resume o que temos vindo a relatar e se apoia na autoridade do erudito Cardeal Saraiva para afirmar que fundara em Sagres uma escola de Matemática, Cosmografia e Náutica²⁰. Ali se faziam observações astronómicas, se projectariam as cartas hidrográficas, se fabricariam instrumentos próprios para observar o sol e os astros, se trabalharia para aperfeiçoar a construção naval. Daquele local sairiam os hábeis navegadores portugueses, admirados em toda a Europa.

Alguns anos antes, em 1839, o então visconde de Sá da Bandeira e ministro da Marinha mandou colocar em Sagres uma lápide com o escudo de armas do Infante, tendo à direita uma esfera armilar e à esquerda um navio à vela, com uma inscrição em latim e português. Nela se referia as altas virtudes do homenageado e o palácio, a famosa escola de cosmografia, o observatório astronómico e as oficinas de construção naval que erguera naquelas paragens.

Rebello da Silva, numa série de artigos no *Archivo Pittoresco*, em 1866, refere o "desterro voluntário e laborioso de Sagres" e a quase solidão em que vivia o Infante²¹. Apesar disso, considera que aquele lugar se ia tornando um empório mercantil e os portos do Algarve eram visitados por navios genoveses, maiorquinos, catalães e venezianos que vinham em busca de notícias e mercadorias²². Igualmente, faz eco de que convertera Sagres "quasi em escolha e seminario de estudos e applicações mathematicas"²³. O quase parece indicar que Rebello da Silva tinha alguma reserva em relação ao assunto, o que não será o caso do historiador inglês R. H. Major na obra que publicou dois anos depois.

Major foi o responsável pelo cognome de Navegador e pela projecção internacional da figura do Infante, na segunda metade do século XIX. A sua obra foi vertida para português em 1876 e tornou-se também em Portugal uma referência obrigatória de todas as obras de divulgação sobre o Duque de Viseu e os descobrimentos portugueses. Major subscreve a ideia da escola de Sagres e defende que o facto de não existirem vestígios das construções edificadas pelo Infante se teria ficado a dever à destruição provocada pelo terramoto de 1755. Uma opinião que também já tinha sido aventada por Ferdinand Denis. No final do seu relato, considera que todos os descobrimentos posteriores, mormente o do Novo Mundo, tiveram o seu começo na inóspita ponta de Sagres, onde foi habitar uma pessoa real²⁴. Sagres torna-se o centro donde emanou o saber e a inspiração das grandes viagens de navegação europeias.

Dúvidas e polémicas

Em 1877, D. Francisco de Sousa e Holstein profere uma conferência, na Academia Real das Ciências, sobre *A Escola de Sagres e as Tradições do Infante D. Henrique* onde coloca em dúvida a sua existência. Por causa da vinda para Portugal do mestre Jácome de Maiorca, "alguns dos nossos historiadores" - segundo o Marquês - "quizeram phantasiar a existencia na villa do Infante de uma verdadeira escola nautica, no sentido restricto da palavra, e não escola como me parece que ella deva aqui entender-se, no sentido lato que também admite o vocabulo, de centro de acção, de principio inspirador, de norma e de começo de uma tradição que se prolonga por largo tempo, mesmo depois de cessar a causa que primeiro lhe deu a vida"²⁵.

Ao contrário da maioria dos autores coevos, o Marquês de Sousa e Holstein tinha ido ler os cronistas e os documentos existentes. Por isso, alguns parágrafos adiante o seu discurso torna-se mais peremptório e afirma que tem como facto assente que não existiu uma escola em Sagres, no sentido em que geralmente se entende a palavra. De igual modo, o Infante também não teria instituído uma cadeira de Matemática na Universidade de Lisboa, como se pretendia. Mas continua a vê-lo como sábio, estudioso e solitário morador do promontório sacro.

A polémica estava lançada e os autores posteriores dividem-se entre um grupo francamente minoritário que nega a existência da escola de Sagres, sem qualquer reboço, aqueles que, na esteira do cauteloso Marquês, a viam como um centro ou cenáculo de estudos e de trocas de experiências e a maioria que continua a acreditar ser impossível realizar a empresa dos descobrimentos sem um sistema organizado de ensino dos mestres e pilotos dos navios. Em 1873, na obra dedicada aos *Portugueses Ilustres*, Pinheiro Chagas não hesita em escrever que, no seu palácio de Sagres, fundara uma aula onde se aprendiam as ciências necessárias aos mareantes²⁶. Mas no *Dicionario Popular* que dirigiu, publicado cinco anos mais tarde, já refere que não pode dizer com absoluta certeza que tenha existido tal escola, apesar de todas as probabilidades

militarem a favor da afirmativa²⁷. A edição ilustrada da *História de Portugal*, da mesma época, expõe os termos da polémica em curso e toma partido pela existência da escola e do observatório astronómico, recorrendo a João de Barros e à contestação da opinião de que as caravelas portuguesas navegavam ao acaso, com audácia, mas sem direcção científica. Muito pelo contrário, considera-se que essa direcção nunca faltou²⁸.

Num opúsculo de grande divulgação, publicado na colecção "Bibliotheca do Povo e das Escolas", em 1885, o comandante Vicente Almeida d'Eça menciona que alguns dizem que "a escola de Sagres é um *mytho*" (em itálico no original)²⁹. Mas não partilha desta opinião, pois considera que existiu um "núcleo de estudos", em que todos eram ao mesmo tempo mestres e discípulos na aprendizagem do que interessava à empresa das navegações marítimas. Outros referem também que o Infante não esteve permanentemente em Sagres, visto que as crónicas o mostram a habitar em várias povoações do Algarve e até noutras províncias. Ora, na opinião do autor, quem afirma que ele foi residir em Sagres não quer privá-lo de poder sair e deslocar-se pelo país. Pretende somente salientar que aquele sítio "a todos parece ter sido muito bem escolhido para a satisfação do seu proposito"³⁰. Não considera, aliás, que as minúcias da diplomática, que joeira os documentos do pó dos arquivos, sejam importantes para o uso comum na educação dos cidadãos. Nem tem em conta as reservas que já tinham sido levantadas às condições naturais do lugar, batido pelos ventos, agreste e com falta de água. Mais importante do que os factos apurados era a força da lenda.

Entre 1889 e 1890, Oliveira Martins publicou, na *Revista Portugal*, os seus textos sobre os filhos de D. João I. A história, para ele, era uma forma de ressuscitar o passado e o método artístico ou sintético a melhor forma de consegui-lo e de agradar aos leitores. A sua obra exerceu uma influência poderosa e o retrato que traçou dos Infantes, em especial do governador da Ordem de Cristo, pode ser detectado em muitos autores posteriores. A legenda de sábio do Duque Viseu é enriquecida por leituras que Luciano Pereira da Silva mostrará mais tarde constituírem um formoso quadro, mas totalmente inexacto³¹. De igual modo, a narrativa romanceada de Oliveira Martins não se embaraça com as objecções já colocadas e defende que em Sagres havia um arsenal, um forte e uma escola de náutica e cartografia³². Apesar disso, de forma contraditória, refere que Lagos foi o "centro das navegações africanas" e que a Vila do Infante, apenas esboçada, tombou em ruínas após a sua morte, depois de não ter sido mais do que uma "tebaida" do seu "misticismo activo"³³. Porém, logo na página seguinte erige Sagres a lugar sagrado e venerando, "berço da nossa epopeia histórica".

Na conferência que escreveu para o quinto centenário do nascimento do Infante D. Henrique, em 1894, retoma as ideias anteriores e descreve o homem a viver "como um monge no seu cenóbio de Sagres, sem luxo, sem corte, sem ostentação nem galas", quase como um asceta³⁴. Perto do cabo de São Vicente, numa pequena baía, encontrou o lugar que, por ser deserto, poderia ser absolutamente seu e onde nenhum embaraço viria estorvar os seus planos. Aí decidiu edificar uma vila que fosse ao mesmo tempo um estaleiro, uma escola e um porto franco³⁵. Não há referência ao forte e acrescenta agora a ideia do porto franco. Jaime de Maiorca é, então, identificado como o judeu Jafuda Cresques, mestre dos cartógrafos baleares, que trocou o nome por Jaime Ribes, quando recebeu o baptismo cristão³⁶. Atribui-lhe não só a arte de desenhar mapas, mas também a de "falsificar" instrumentos náuticos.

O ano do centenário foi pródigo em edições de folhetos, opúsculos e artigos na imprensa que, de modo geral, faziam coro com a lenda. O jornalista Alfredo Alves ganhou o concurso para a publicação de uma monografia sobre a vida do Infante, com um texto de narrativa ligeira, em

estilo vivo e colorido, onde abundam as cenas e os diálogos reconstituídos de acordo com a imaginação do escritor³⁷. Num registo historiográfico, Fortunato de Almeida concorreu com um texto que era mais uma história geral dos descobrimentos do que uma biografia, significativamente intitulado *O Infante de Sagres*, e ficou em segundo lugar. Considera que a "escola de Sagres era uma escola no verdadeiro sentido da palavra — muito embora haja quem sustente o contrário — e não um simples noviciado de marinhagem."³⁸. E subscreve todas as outras ideias correntes, apoiando-se em autores como Ribeiro dos Santos, Garção Stockler, D. António Caetano de Sousa e, em especial, na autoridade de R. Henry Major. Mas não segue este último autor quando credita ao Infante a invenção das cartas hidrográficas planas. O ainda jovem Almeida parece aceitar de boa mente tudo o que contribui para agigantar o Infante e projectar mais alto a glória dos Portugueses.

Não obstante, no ano do centenário ergueu-se uma voz destoante que colocou em causa ideias feitas e procurou lançar um novo olhar sobre a acção do Infante D. Henrique. Foi o general Brito Rebelo, estudioso de assuntos históricos, que fez parte da equipa mais tarde reunida por Anselmo Braamcamp Freire em torno do *Arquivo Histórico Português*. Num artigo na revista *O Instituto*, de Coimbra, salienta os aspectos económicos e práticos da vida do Duque de Viseu como administrador da sua casa e de um vasto património, que não descuro e foi acrescentando ao longo da sua vida³⁹.

Noutro texto, publicado na *Occidente*, sobre a Vila do Infante levanta o problema da localização e remete o seu assento para o cabo de Trasfalmenar ponta Gorda ou no Beliche⁴⁰. Reporta-se à angra, limitada pelas duas pontas, ou cabos, por certo a enseada do Beliche, e considera-a a zona da Terça Nabal da época henriquina. Esta posição foi contestada já no século XX, nomeadamente pelo algarvio Francisco Fernandes Lopes e pelo comandante Fontoura da Costa que julgam ser mais provável a localização do lado do cabo e da enseada de Sagres, bom abrigo das embarcações que enfrentam a nortada quando se dirigem de levante para poente. Além disso, a designação de origem árabe do cabo Trasfalmenar foi traduzida, por David Lopes e G. Ferrand, como "cabo da torre da vigia", o qual pode corresponder à ponta da Atalaia, ao próprio cabo de Sagres ou à ponta do Farol, no actual cabo de São Vicente⁴¹.

Não vamos entrar em mais detalhes sobre esta questão que tem apaixonado os investigadores. Importa somente referir que o recorte geográfico daquela região do barlavento algarvio deu azo a enormes problemas para identificar os lugares referidos nas crónicas e nos documentos que, entretanto, se foram encontrando nos arquivos, tanto mais que as designações actuais nem sempre correspondem às do período quatrocentista e as referências das fontes são imprecisas. Como mostrou Lucien Febvre, a utensilagem mental dos séculos XV e XVI não era ainda muito precisa quanto à localização nem muito exacta nas distâncias e rumos⁴². Se a isto acrescentarmos que a geografia dos próprios escritores contemporâneos também não prima pelo rigor em muitos casos, temos o quadro para a confusão entre os vários cabos, pontas e enseadas daquela zona. Mas do ponto de vista da tradição e da memória tudo se resume, afinal, a um nome - Sagres.

Brito Rebelo considera ainda que a base do governador da Ordem de Cristo, no Algarve, era Lagos e desdenha das fantasias em torno de Sagres:

Não achando notícias precisas nem documentos autênticos, recorrem à inventiva, e então apresentam o Infante entregue ao estudo de mathematica e outros; e não falta quem o pinte como um solitário, afastado de tudo, confinado em uma ponta do Algarve, só entregue à

contemplação do céu e dos astros, perguntando ao mar pelos seus segredos, sonhando descobrimentos e glórias. Outros menos modestos começam a inventar-lhe um palacio que era uma escola de virtudes; d'aqui a transformal-o n'uma escola de nautica e cosmographia pouco distou, e como consequencia, vem a criação de um observatório!"⁴³

A polémica em torno da figura do Infante D. Henrique não era nova e Teófilo Braga, na linha do seu conterrâneo açoriano João Teixeira Soares, conferiu-lhe ressonância nas suas obras⁴⁴. Acusa, aliás, Oliveira Martins de seguir a "lenda dos infantistas" e considera a escola uma fábula. Contudo, segue a tradição de que o Infante se tinha transferido para Sagres, um lugar solitário e com escassos recursos, que só lhe interessava pelo "plano egoísta de se colocar fora da dependência da Coroa", numa zona onde podia dispor de absoluto poder⁴⁵. Negando a tradição, Teófilo Braga subestima o papel do Infante no arranque dos descobrimentos, que considera deverem ser creditados a iniciativas anteriores e a um esforço colectivo.

Em 1914, a polémica reacende-se com a publicação de um opúsculo de J. Tomé da Silva, intitulado *A Lenda de Sagres*, com um prefácio de Teófilo Braga, de quem era parceiro na Academia das Ciências de Portugal, que este tinha fundado⁴⁶. Os dislates são muitos de ambas as partes e Gomes Leal sai à liça a denunciá-los e a contestar que fossem novidade as ideias apresentadas, em especial a negação da famigerada escola⁴⁷. Entre outros, já Aires de Sá na obra sobre Frei Gonçalo Velho, publicada em 1899, escrevera que são imaginárias a escola, o observatório e até a vinda dos sábios estrangeiros para Portugal⁴⁸.

Uma controvérsia mais acesa vai ocorrer no início dos anos 30, do século XX, na sequência da apresentação de uma proposta para se erguer um monumento no Promontório. Duarte Leite contesta a localização proposta, visto que o Infante não teria residido no cabo de Sagres. Numa série de artigos, posteriormente coligidos por Vitorino Magalhães Godinho, contesta a sabedoria, inclinando-se para que não era notável para o tempo a sua cultura científica; rebate a ideia de que se teria rodeado de um conclave de peritos, bem como a escola de Sagres e a maior parte das invenções que lhe eram atribuídas. De modo geral, considera que os marítimos do Infante não se adiantaram nos processos de navegação em relação aos outros do seu tempo⁴⁹. Nessa ordem de ideias conclui: "A escola náutica de Sagres, considerada como um instituto de ensino, é quimérica, quer a localizem em Lagos, quer na Raposeira ou na Vila do Infante; e não o é menos, se por ela entendermos um cenáculo de sábios e técnicos, presidido pelo seu organizador."⁵⁰

As posições de Duarte Leite sofreram viva contestação. Alfredo Pimenta saiu, então, à liça para reafirmar as ideias tradicionais, se bem que reduzisse a escola de Sagres a uma "simples reunião, mais ou menos demorada, de homens competentes, de técnicos, como diríamos hoje, onde figurava o célebre Jácome"⁵¹. Apesar do complicado problema da localização da vila, também não vê qualquer inconveniente na edificação do monumento em Sagres, no local que for considerado mais apropriado do ponto de vista estético. Este monumento ainda iria fazer correr muita tinta e energia, acabando por não ser erguido.

A lenda da escola de Sagres estava em declínio junto de estudiosos e investigadores. Como escrevera Luciano Pereira da Silva, em 1921, "as bancadas de estudo iam ser as pranchas das caravelas, impelidas pelos ventos sobre as ondas"⁵². Mas continuou a estar presente em múltiplas obras de divulgação e em trabalhos académicos de maior responsabilidade até aos nossos dias. Por outro lado, prosseguiu a busca dos sábios e homens experientes que teriam acompanhado D. Henrique. Em 1960, Hernâni Cidade afirma que são vários os que, depois dos físicos e astrólogos indicados por Viterbo, Jaime Cortesão apontara: além de Jaime de Maiorca, António da Noli,

Patrício de Conti, Luís de Cadamosto e o genovês Usodimare, o navegador Valarte, da Noruega, e Loland, da Dinamarca, portadores das tradições marítimas nórdicas⁵³. O piloto espanhol Juan de Morales é duvidosamente considerado um dos peritos do Infante, bem como o P.^e Egídio, graduado em Bolonha e matemático da cúria de Martinho V, que fora trazido para Portugal⁵⁴.

As colectâneas documentais sobre os descobrimentos portugueses, reunidas no século XX e, em especial, os *Monumenta Henricina*, coligidos pelo P.^e Dias Dinis, fornecem elementos decisivos para ver a uma nova luz a relação do Infante com Sagres. De facto, é errado fixá-lo naquele sítio. Como qualquer grande senhor do seu tempo deslocava-se frequentemente pelo país. A reconstituição dos seus itinerários, feita por João Silva de Sousa, mostra que "o principal eixo político, quer do País quer dos interesses particulares henriquinos, se centravam na via Lagos/Évora/Lisboa/ Santarém/Viseu/ Lisboa"⁵⁵. Nas suas deambulações, o Infante não se afastava por muito tempo da Corte e do centro do poder, ao contrário do que reza o mito. A sua intervenção nas crises políticas do Reino está documentada e a forma como zelava pelos seus interesses e pela protecção dos seus servidores⁵⁶.

No Algarve, a sua base principal foi Lagos, apesar de ter sido referenciado noutros lugares. Os documentos conhecidos só permitem assegurar o interesse do Infante pela zona de Sagres a partir de 1443⁵⁷, quando obteve do regente D. Pedro o cabo de Trasfalmenar e uma légua do seu termo. A partir desse ano, por diversas vezes se encontra naquela região e é na sua Vila que, em 1446, emite a carta de doação da ilha de Porto Santo a Bartolomeu Perestrelo e seus descendentes. Um ano depois da batalha de Alfarrobeira é permutada uma pena de degredo de Castro Marim para a vila de Sagres, devido a uma petição do Infante D. Henrique⁵⁸. As indicações da transferência de degredados para aquele sítio multiplicam-se nos anos subsequentes, o que parece mostrar o desejo de povoar e, ao mesmo tempo, a dificuldade de atrair pessoas para local tão inóspito.

No actual estado da investigação não é possível dirimir com segurança o problema da Vila do Infante, cujo ponto da situação foi apresentado por Vitorino Magalhães Godinho num artigo de 1962, depois inserido nos *Ensaíos II*. Artur Teodoro de Matos refere, na síntese de divulgação que fez para o Clube do Coleccionador dos CTT, editada em 1994, que a vila ou vilas do Infante, no Algarve, não foram ainda perfeitamente localizadas⁵⁹. José Manuel Garcia parece inclinar-se pela posição defendida por Fontoura da Costa e Francisco Fernandes Lopes, que expressamente cita no seu artigo sobre a Vila do Infante, publicado na revista *Oceanos*, em 1990⁶⁰.

No mesmo ano decorreram em Sagres escavações arqueológicas que visavam encontrar vestígios da muralha que o Infante teria mandado construir na sua vila, cujos resultados foram inconclusivos⁶¹. Num artigo, publicado no *Jornal Ilustrado*, em 1989, onde traça um roteiro histórico da região para o turismo, J. M. Garcia refere que o "monumento mais importante do concelho de Vila do Bispo é, sem dúvida, a fortaleza de Sagres, que corresponde à antiga Vila do Infante"⁶². Ora, a fortaleza actualmente existente é muito posterior, visto que a primitiva muralha foi arruinada pelo terramoto e provavelmente desmantelada no final do século XVIII. Os outros vestígios remanescentes são muito problemáticos, nomeadamente a famosa "rosa-dos-ventos", que é mais certo ter sido um relógio de sol ou, em termos mais técnicos, um "quadrante solar de gnomon vertical"⁶³.

Apesar de todas as dúvidas dos especialistas, a ideia mais aceite e divulgada continua a apontar Sagres e o seu imponente Promontório como um local privilegiado para o controlo da navegação entre o Mediterrâneo e o Atlântico, cuja importância tinha sido claramente percebida pelo Infante D. Henrique. Por isso, ali quis edificar a sua Vila para apoiar os navios que cruzavam a região. Os matos e maninhos foram sendo desbravados e aproveitados com vinha e pão; na vila

de Sagres, havia fornos e fornalhas de telha e tijolo; no campo, criava-se gado bovino e ovino, a que se juntavam as pescarias para assegurar a subsistência⁶⁴. Porém, a vila ou as vilas não se desenvolveram tanto quanto estaria nos planos henriquinos e não se sabe ao certo a extensão e o tipo de edificações que foram construídas. Pelo menos, quando Zurara escreveu a sua crónica, por volta de 1453, havia somente muros, que eram de boa fortaleza, com algumas poucas casas.

Depois do desastre de Tânger (1437), o Infante esteve com mais frequência na região algarvia. Os locais preferidos parecem ter sido Lagos, a Raposeira, onde corre na tradição oral que uma das casas foi sua residência, e a sua vila situada na zona de Sagres. Nos últimos anos de vida passou mais tempo por aquelas bandas e, segundo o relato de Diogo Gomes, foi atacado de doença, na sua vila, no cabo de São Vicente, e morreu a 13 de Novembro de 1460. Na mesma noite em que faleceu, levaram-no para a Igreja de Santa Maria de Lagos, onde foi sepultado com todas as honras. Na sua vila não havia, por certo, templo condigno para as suas exéquias. Mais tarde foi trasladado para o mosteiro de Santa Maria da Batalha.

Em suma, esperamos ter demonstrado de que forma Sagres se foi transformando num lugar mítico da memória. A sua ligação ao Infante D. Henrique e ao início dos descobrimentos portugueses tem muito de lendário. Mas a sua força impôs-se no imaginário e tornou-se um símbolo de uma época e de um povo que, nas palavras do poeta Fernando Pessoa, "foi outrora Senhor do Mar".

Notas

- ¹ Silva Tavares, *Sagres*, Lisboa, 1940, p. 15.
- ² Vitorino Magalhães Godinho, "A Vila do Infante" in *Ensaio II*, 2º ed., Lisboa, Sá da Costa, 1978, p. 131.
- ³ Júlio F. Guillen, "En torno a la "Escuela de Sagres" in *Anais do Clube Militar Naval*, Número especial, Lisboa, 1960, pp. 35-37.
- ⁴ Gomes Eanes de Zurara, *Crónica de Guiné*, Introdução, novas anotações e glossário de José de Bragança, Barcelos, Livraria Civilização Editora, 1973, cap. IV, p. 23.
- ⁵ Duarte Pacheco Pereira, *Esmeraldo de Situ Orbis*, Reprodução anastática da edição crítica anotada por Augusto Epifânio da Silva Dias, Lisboa, 1975, liv. I, cap. 33, p.98.
- ⁶ Alfredo Pinheiro Marques, "Maiorca, Jaime", in Luís Albuquerque (dir.), *Dicionário de História dos Descobrimientos*, vol. II, Lisboa, Caminho, 1994, p. 649.
- ⁷ João de Barros, *Ásia, Dos Feitos que os Portugueses Fizeram no Descobrimiento e Conquista dos Mares e Terras do Oriente, Primeira Década*, 6ª ed. atualizada na ortografia e anotada por Hernâni Cidade, notas históricas finais por Manuel Múrias, Lisboa, Agência Geral das Colónias, 1945, liv. I, cap. XVI, p. 65.
- ⁸ Cf. Damião de Góis, *Crónica do Príncipe D. João*, Edição crítica e comentada de Graça de Almeida Rodrigues, Lisboa, UNL, 1977, cap. VII, pp. 20-22.
- ⁹ Pedro de Mariz, *Dialogos de varia Historia em que se referem as vidas dos senhores Reys de Portugal, com os seus retratos e noticias dos nossos reynos e conquistas e varios sucessos*, ultimamente acrescentados até ao feliz reinado do senhor Rey Dom João V de saudosa memoria pelo Padre Fr. Francisco Xavier dos Serafins Pitarra, Lisboa, Na Officina Joseph Philippe, 1758, p. 257.
- ¹⁰ *Idem, ibidem*, p. 259.
- ¹¹ *Idem, ibidem*, p. 257.
- ¹² Manuel de Faria e Sousa, *Epitome de las Historias Portuguesas*, Madrid, 1628, p.465.
- ¹³ Cit. A.Teixeira da Mota, "A Escola de Sagres" in *Separata dos Anais do Clube Militar Naval*, Lisboa, 1960, p. 7.
- ¹⁴ António Morais da Silva, *Novo Dicionário Compacto da Língua Portuguesa*, vol. V, Lisboa, Livros Horizonte, 1980, p. 275.
- ¹⁵ Ver, por ex., Vitorino Magalhães Godinho, "A Vila do Infante" in *Ensaio II*, 2º ed., Lisboa, Sá da Costa, 1978, pp. 131-132.
- ¹⁶ Duarte Leite, *História dos Descobrimientos, Colectânea de Esparsos*, Organização, notas e estudo final de Vitorino Magalhães Godinho, vol. I, Lisboa, Edições Cosmos, 1958, p. 161.
- ¹⁷ Cit. Fortunato de Almeida, *O Infante de Sagres*, Porto, Livraria Portuense, 1894, p. 72.
- ¹⁸ Luís de Albuquerque, *Dúvidas e certezas na história dos descobrimientos portugueses*, Lisboa, Vega, 1990, p. 35-38.
- ¹⁹ António Ribeiro dos Santos, "Sobre alguns mathematicos portuguezes e estrangeiros domiciliarios em Portugal ou nas conquistas", in *Memorias da Literatura Portuguesa*, Tomo III, 2ª ed., Lisboa, Academia real das Sciencias de Lisboa, 1856, pp.153-155.
- ²⁰ *Universo Pittoresco*, Tomo III, Lisboa, 1844, p. 232.
- ²¹ *Archivo Pittoresco*, Lisboa, 1866, p. 55 e p. 170.
- ²² *Ibidem*, p. 216.
- ²³ *Ibidem*, p. 108.
- ²⁴ Richard Henry Major, *A vida do Infante D. Henrique*, Lisboa, Imprensa Nacional, 1876.
- ²⁵ D. Francisco de Sousa e Holstein, *A Escola de Sagres e as Tradições do Infante D. Henrique*, Conferência celebrada na Academia Real das Sciencias de Lisboa acerca dos descobrimientos e colonizações dos portugueses na Africa - Primeira Conferência; Lisboa, 1877, p. 54.

- ²⁶ M. Pinheiro Chagas, *Portugueses Ilustres*, 2ª edição revista e aumentada, aprovada pela Junta Consultiva de Instrução, Lisboa, 1873, p. 24.
- ²⁷ Manoel Pinheiro Chagas, *Diccionario Popular Historico, Geographico, Mythologico, Biographico, Artistico, Bibliographico e Litterario*, 4º vol., Lisboa, 1878, p. 271.
- ²⁸ Manoel Pinheiro Chagas et alii, *Historia de Portugal*, III vol., [Lisboa], Empreza Litteraria de Lisboa, s.d., p. 128 e p. 131.
- ²⁹ Vicente Almeida d'Eça, *Viagens e Descobrimientos Maritimos*, Lisboa, David Corazzi, 1885, p. 41.
- ³⁰ *Idem, ibidem*, p. 42.
- ³¹ Luciano Pereira da Silva, "A propósito das leituras do Infante" (in *Lusitânia*, vol. I, 1924), *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, 1945, p. 9.
- ³² Oliveira Martins, *Os Filhos de D. João I*, Lisboa, Guimarães & Editores, 1973, p.95.
- ³³ *Idem, ibidem*, p. 96.
- ³⁴ *Idem, Portugal nos Mares*, Lisboa, Guimarães Editores, 1994, p. 364.
- ³⁵ *Idem, ibidem*, p. 354.
- ³⁶ Esta identificação é muito anterior ao artigo de Gonçal de Reparaz Fill, de 1930, na revista *Biblos*. Uma tese que foi contrariada, mais recentemente, porque parece que o mestre maiorquino já teria falecido na época dos descobrimentos henriquinos. Ver Alfredo Pinheiro Marques, *op. cit.*, p. 650.
- ³⁷ Alfredo Alves, *Dom Henrique, O Infante*, Porto, 1894.
- ³⁸ Fortunato de Almeida, *O Infante de Sagres*, Porto, 1894, p. 53.
- ³⁹ J. I. Brito Rebello, "Alguns traços da vida do Infante D. Henrique" in *O Instituto*, vol. XLI, Julho de 1893 a Dezembro de 1894, Coimbra, pp. 567-573.
- ⁴⁰ *Idem*, "Villa do Infante" in *Occidente*, vol. XVII, Lisboa, 1894, p. 70. Escreve Brito Rebelo: "A Vila do Infante não é o que depois se chamou vila e hoje praça de Sagres; que o seu assento era no cabo de Traz Falmenar ponta Gorda ou no Beliche; que na angra limitada pelas duas pontas, ou cabos era o local conhecido no tempo do Infante pela designação de Terça Nabal, séculos antes Carpha Nabal e provavelmente o porto Annibal dos antigos [...]."
- ⁴¹ Vitorino Magalhães Godinho, *op. cit.*, p. 134.
- ⁴² *Idem, ibidem*, p. 138.
- ⁴³ J. I. de Brito Rebello, "Villa do Infante", in *O Occidente*, vol XVII, Lisboa, 1894, p. 66.
- ⁴⁴ Ver *As Modernas Ideias na Literatura Portuguesa*, vol. II, Porto, 1892, pp. 384-387.
- ⁴⁵ *Ibidem*, p. 385.
- ⁴⁶ J. Tomé da Silva, *A lenda de Sagres*, Porto, Tip. Porto-Gráfico, [1914].
- ⁴⁷ Gomes Leal, *A lenda de Sagres: observações a um opúsculo do mesmo título de J. Tomé da Silva*, por João Ninguém, Viana do Castelo, s. n., 1915.
- ⁴⁸ *Idem, ibidem*, p. 59.
- ⁴⁹ Duarte Leite, *op. cit.*, pp. 164-184.
- ⁵⁰ *Idem, ibidem*, p. 184.
- ⁵¹ Alfredo Pimenta, *Novos Estudos Filosóficos e Críticos*, Lisboa, Imprensa nacional, 1935, p. 271. A polémica está compilada das pp. 267 a 283.
- ⁵² Luciano Pereira da Silva, "A arte de navegar dos portugueses do Infante a D. João de Castro" (in *História da Colonização Portuguesa do Brasil*, vol. I, 1921), *Obras Completas*, vol. II, Lisboa, 1945, p. 227.
- ⁵³ Hernâni Cidade, "O Infante de Sagres. O seu tempo - a sua obra - a sua alma" in Junta Distrital de Évora, *Boletim Anual de Cultura*, N ° 1, 1960, p. 4.

⁵⁴ Vitorino Nemésio, *Vida e Obra do Infante D. Henrique*, Lisboa, Imprensa Nacional - Casa da Moeda, 1991, p. 108.

⁵⁵ João Silva de Sousa, *A casa senhorial do Infante D. Henrique*, Lisboa, Livros Horizonte, 1991, p. 49.

⁵⁶ Ver Vitorino Magalhães Godinho, *A economia dos descobrimentos henriquinos*, Lisboa, Livraria Sá da Costa, 1962 e João da Silva e Sousa, *op. cit.*

⁵⁷ José Manuel Garcia, *Ao Encontro dos Descobrimientos. Temas de História da Expansão*, Lisboa, Editorial Presença, 1994, p. 25.

⁵⁸ *Idem, ibidem*, p. 30.

⁵⁹ Artur Teodoro de Matos, *Henrique O Navegador*, Lisboa, CTT Correios, 1994, p.79.

⁶⁰ José Manuel Garcia, *op. cit.*, pp. 24-33. Artigo publicado na *Oceanos*, Lisboa, n.º 5, Novembro de 1990, pp. 9-18.

⁶¹ *Idem, ibidem*, p. 35.

⁶² *Idem, ibidem*, p. 22.

⁶³ José António Madeira, *Estudo histórico-científico sob o aspecto gnómico da figura radiada de pedra tosca suposta coeva do Infante D. Henrique, existente na antiga Vila de Sagres*, Separata das Actas do Congresso Internacional de História dos Descobrimientos, Lisboa, 1961.

⁶⁴ Vitorino Magalhães Godinho, "Vila do Infante", *op. cit.*, p. 141.